

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

9 a 16 de dezembro de 2022 | www.abbc.org.br

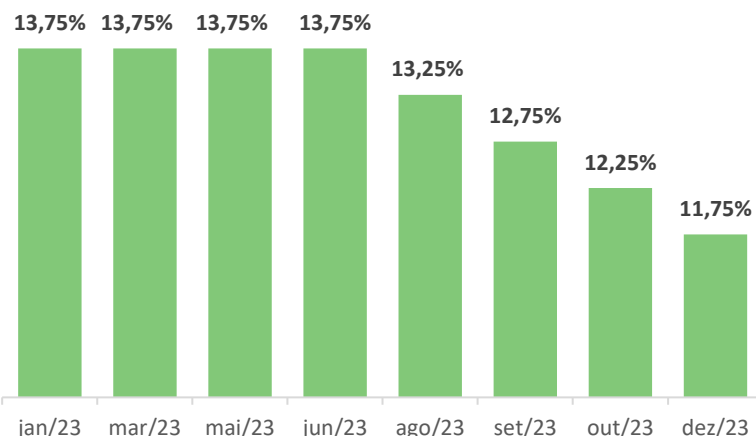


Estímulos fiscais e o hiato do produto

Para a semana que se adentra a maior expectativa recai sobre a votação da PEC da Transição e seu possível impacto nos prêmios de risco. O IPCA-15 de dezembro deve contribuir ao confirmar um cenário mais benigno para a inflação corrente. O apetite de risco será ainda impactado com os indícios do processo de desaceleração explícitos nos números do PIB do 3T22 e os dados sobre a construção civil nos EUA. Ao reduzir o ritmo do aumento de juros para 0,50 p.p., o Fed enfatizou a sua estratégia de manutenção dos juros em patamar suficientemente restritivo por um período prolongado até que a inflação retorne à meta de 2,0%, indicando que o horizonte para os cortes não está próximo. Os temores com uma recessão, reativados por essa mensagem, foram agravados com a frustração provocada por alguns dados da atividade. Com a maior aversão ao risco, na semana que se passou, o dólar ganhou força frente às moedas dos países emergentes, os retornos das *T-Notes* recuaram, as bolsas internacionais perderam valor e as cotações das *commodities*, especialmente as energéticas, caíram. O Copom reiterou que as políticas fiscal e parafiscal podem afetar a inflação não só por meio dos efeitos diretos na demanda agregada, mas também via preços de ativos, grau de incerteza na economia, expectativas de inflação e pelo aumento da taxa de juros neutra. Nos diferentes exercícios analisados, o Banco Central avaliou que o efeito final, seja sobre a inflação ou sobre a atividade, dependerá das combinações e magnitude dessas políticas. Em um ambiente em que o hiato do produto estaria reduzido, o impacto de estímulos significativos sobre a trajetória de inflação poderia se sobrepor aos almejados sobre a atividade. As incertezas locais e externas adicionaram volatilidade no período, levando à depreciação de 1,14% do real para R\$/US\$ 5,31 e o aumento dos prêmios na curva de juros. Com a provável dissipação do impacto positivo da reabertura das atividades, o setor de serviços exhibe desde ago/22 uma desaceleração no seu ritmo de crescimento, de modo que em outubro houve queda de -0,6% no volume de serviços, na série com ajuste sazonal. Abaixo das expectativas de mercado de uma alta de 0,50%, o IBC-Br registrou uma ligeira queda de -0,05% no mesmo período. Por fim, a confiança do empresário industrial apresentou a 3ª queda mensal consecutiva, encerrando em 50,8 pts., com o sentimento quanto à economia brasileira indicando falta de confiança tanto nos últimos 6 meses quanto nos 6 seguintes.

Expectativas

Taxa de Juros Selic (%)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

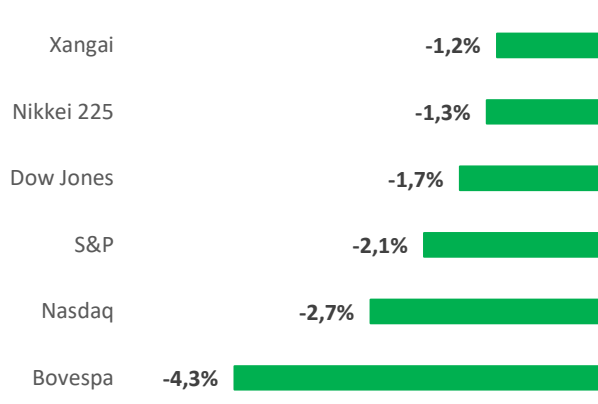
No curto prazo, as previsões da variação do IPCA no Boletim Focus para dezembro caíram -0,02 p.p. para 0,60%, as de janeiro se mantiveram em 0,55% e as para fevereiro aumentaram em 0,01 p.p. para 0,66%. Com isso, a mediana para a projeção da inflação para 2022 ficou em 5,76%, para 2023 avançou em 0,09 p.p. para 5,17%, para 2024 permaneceu em 3,50% e para 2025 aumentou em 0,08 p.p. para 3,10%. No que tange à atividade econômica, espera-se que o PIB cresça 3,05% em 2022, mesma estimativa da semana anterior, para 2023 houve um aumento de 0,04 p.p. para 0,79%, para 2024 reduziu-se em -0,03 p.p. para 1,67% e para 2025 permaneceu em 2,0%.

Ainda no Focus, a trajetória para a meta Selic apontou uma taxa de 11,75% a.a. ao término de 2023, decorrente de 4 cortes de 0,50 p.p. a partir de ago/23. Para o final de 2024, houve aumento da taxa juros de 8,50% a.a. para 9,00% a.a.. Para 2025, manteve-se a expectativa de 8,00% a.a.. A mediana das estimativas para a taxa de câmbio continuou em R\$ 5,25/US\$ para 2022. Com os aumentos de 0,19%, as projeções para 2023 e 2024 ficaram, respectivamente, em R\$ 5,26 e R\$ 5,25. Já a estimativa para 2025 subiu em 1,34% para R\$ 5,30. Na seara fiscal, projeta-se um superávit primário de 1,30% do PIB nesse ano ante 1,29% na leitura anterior e um déficit em -1,00% do PIB em 2023 (-0,95% anteriormente), de -0,80% do PIB para 2024 (-0,60% antes) e de -0,50% do PIB para 2025 (-0,45% na semana passada).

Finalizando, o resultado nominal deve encerrar em -5,20% do PIB nesse ano ante -5,50% antes, em -8,65% do PIB para 2023 contra -8,70%, com as projeções permanecendo em -6,50% do PIB para 2024. Para 2025, a estimativa para o resultado nominal variou de -5,90% do PIB para -6,0%.

Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais Variação na semana



A semana encerrou com elevação na aversão ao risco, com os mercados respondendo às sinalizações da política monetária e o compromisso das autoridades monetárias com o controle inflacionário nos EUA e na Zona do Euro. Em tese, abrindo espaço para um “pouso suave” da atividade econômica, a conjugação da desaceleração dos ritmos de alta na taxa de juros com a manutenção do ciclo por um tempo maior do que o esperado e taxas terminais mais elevadas reativou os temores com a gestação de processos recessivos.

A deterioração no apetite de risco levou à perda de força do dólar nos mercados globais, à diminuição no retorno das *T-Notes*, a quedas nos indicadores das principais bolsas internacionais e à desvalorização das *commodities*, especialmente as energéticas.

T-Note 10 anos (% a.a.)



O retorno das *T-Notes* de 10 anos apresentou queda de -0,09 p.p. na semana para 3,48% a.a.. Ainda no período, verificaram-se quedas de -2,7% na Nasdaq, de -2,1% na S&P, de -1,7% no Dow Jones, de -1,3% no Nikkei 225 e de -1,2% no Xangai.

Impactados também pelas incertezas quanto à trajetória fiscal, os ativos domésticos apresentaram maior volatilidade. A elevação nos prêmios de riscos impactou o real, o mercado futuro de taxa de juros e a bolsa de valores. No período, a medida de risco soberano brasileiro, calculado pela cotação do CDS de 5 anos, subiu 17,8 bps. na semana para 257,6 bps. e o Ibovespa caiu -4,3%.

Petróleo

Brent última cotação US\$

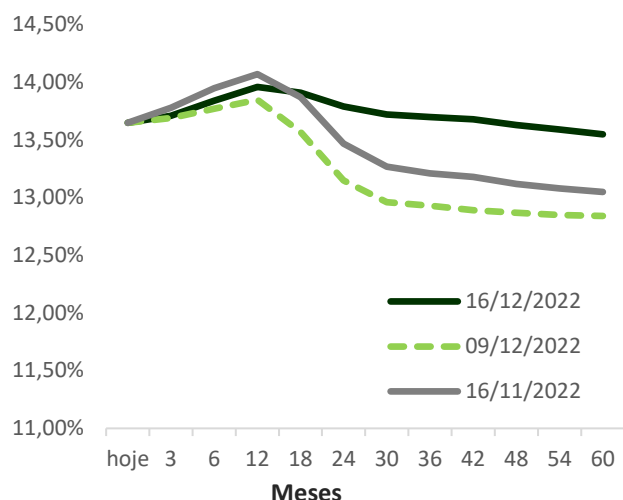


Com as dúvidas quanto à oferta da *commodity*, reforçada pela interrupção do Oleoduto Keystone e pela redução dos estoques nos EUA, os preços do petróleo iniciaram a semana em recuperação, levando a cotação do barril tipo Brent a US\$ 82,70 na quarta (14/12). Entretanto, as decisões dos bancos centrais e o novo avanço dos casos de Covid-19 na China, alimentando os temores de recessão e, consequentemente, a demanda pela *commodity* derrubaram a cotação para US\$ 79,04, o que significou uma alta de 3,9% na semana.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Em linha com as incertezas na trajetória fiscal, o mercado de juros futuro se descolou do exterior, apresentando elevações ao longo da curva futura de juros (ETTJ) em todos os vértices, em especial nos vértices mais longos. Assim, na semana, houve alta de 0,1 p.p. no vértice de 1 ano, de 0,64 p.p. no de 2 anos, de 0,77 p.p. no de 3, de 0,76 p.p. no de 4 e de 0,71 no de 5 anos.

Ainda no período, com a alta de 0,11 p.p. na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias para 13,96% a.a. e com a elevação de 0,01 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses para 5,25%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,09 p.p. para 8,28% a.a., permanecendo em patamar fortemente contracionista.

Taxa Real de Juros *ex-ante* (a.a.)



Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,44 p.p. na semana, fechando em -0,50 p.p.. Em menor intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano dos títulos públicos divulgados pela Anbima, ficou em -0,43 p.p., o que representou uma alta de 0,26 p.p. no período.

Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



O dólar iniciou a semana perdendo força nos mercados globais, com a possibilidade de diminuições nos ritmos de apertos monetários pelos bancos centrais. Contudo, as sinalizações das taxas finais superiores e por um período mais longo do que o inicialmente esperado e o reforço dos compromissos com o controle da inflação alimentaram os temores de recessão, favorecendo a busca por ativos de segurança, levando a recuperação parcial do dólar.

Com isso, o *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar frente às moedas de países desenvolvidos, recuou somente -0,10% no período, refletindo a apreciação de 0,43% no euro e a depreciação de 0,91% na libra esterlina.

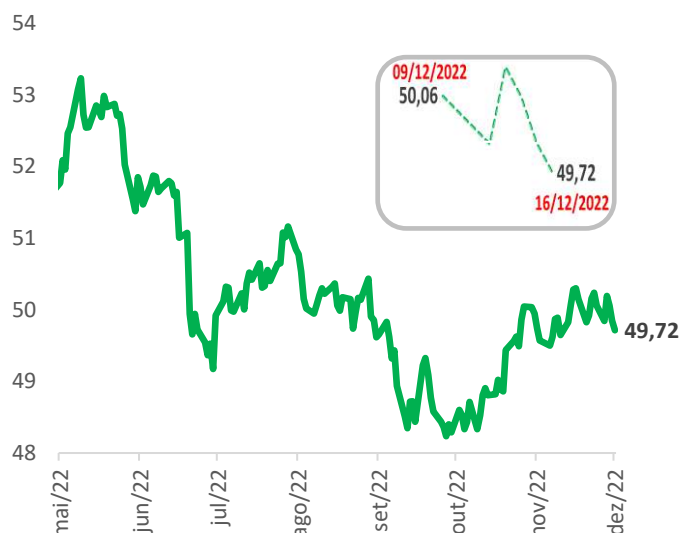
Dollar Index



Ainda na semana, o índice que mede a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar exibiu queda de -0,69%, com destaques para as depreciações de 1,65% no peso argentino, de 0,19% na lira turca e de 0,08% no peso mexicano.

Com a volatilidade e o aumento nos prêmios de riscos nos ativos domésticos, o real encerrou a semana com o dólar cotado a R\$ 5,31, o que representou uma depreciação de 1,14% no período. Por fim, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 02/01/2023.

Índice de Emergentes*



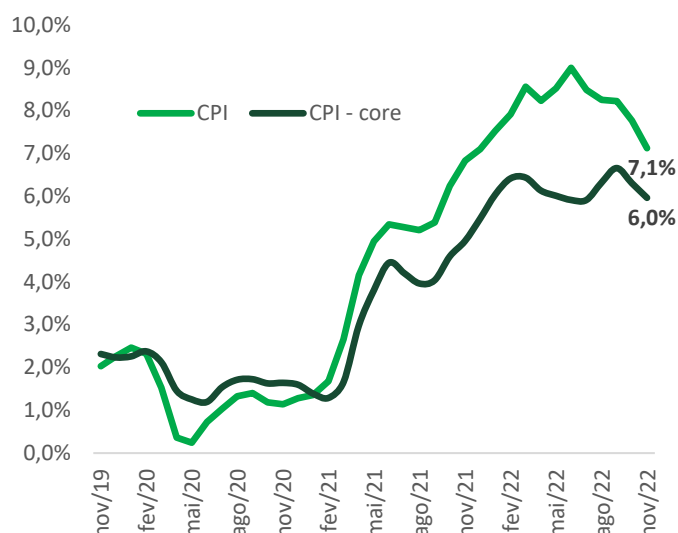
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Atividade Global – Dez/22

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Variação anual

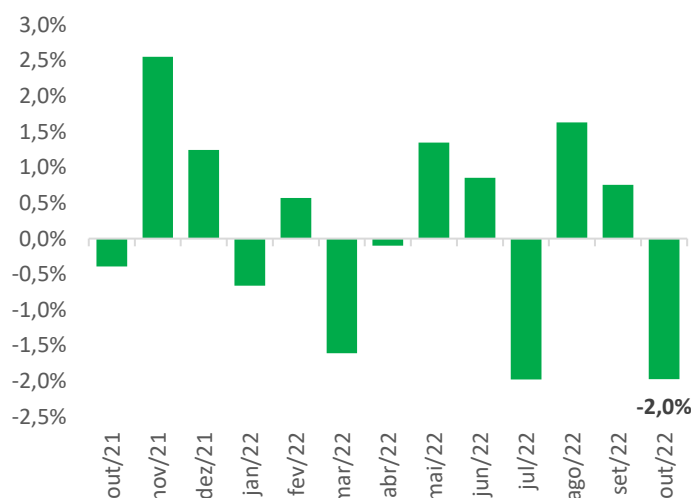


Fonte: U.S. Department of Labor. Elaboração ABBC

Após 4 altas consecutivas de 0,75 p.p., o *Federal Reserve* (Fed) reduziu o ritmo de aperto monetário para 0,50 p.p.. Assim, em linha com as expectativas, a taxa do *Fed Funds* ficará no intervalo entre 4,25% e 4,50%. No comunicado, reiterou que nos próximos passos levará em consideração o efeito das defasagens do aperto monetário acumulado sobre a atividade econômica e a inflação. Ao enfatizar a estratégia de manutenção dos juros em patamar suficientemente restritivo por um período prolongado para que a inflação retorne ao longo do tempo à meta de 2,0%, sinalizou que o horizonte para os cortes não está próximo. A despeito das recentes surpresas positivas, a inflação ainda está em nível muito elevado. A dinâmica reflete os desequilíbrios de oferta e demanda relacionados à pandemia, preços mais altos de alimentos e energia e pressões de preços mais amplas, sendo preciso mais evidências para que se altere o balanço de risco altista para a inflação. Ademais, destacou que o ritmo do mercado de trabalho segue aquecido, apesar de alguma moderação na atividade.

Abaixo da expectativa de um aumento de 0,3%, a inflação ao consumidor (CPI) nos EUA subiu 0,1% em novembro. Assim, houve desaceleração da alta acumulada em 12 meses, de 7,7% a.a. em out/22 para 7,1% a.a.. O núcleo, que exclui os preços de alimentos e energia, avançou 0,2% no mês, saindo de 6,3% a.a. em out/22 para 6,0% a.a..

Zona do Euro - Produção Industrial Variação mensal



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Na atualização de suas projeções trimestrais, o Fed elevou as expectativas de taxa de juros para o final de 2023 de 4,6% a.a. em set/22 para 5,1% a.a. e de 3,9% a.a. para 4,1% a.a. para o término de 2024. A projeção de inflação do núcleo do PCE para 2022 aumentou de 4,5% para 4,8% e de 3,1% para 3,5% para 2023. Enquanto as projeções do PIB para 2022 aumentaram de 0,2% para 0,5% e diminuíram de 1,2% para 0,5% para 2023.

Em consonância com o Fed, o Banco Central Europeu (BCE) também desacelerou o ritmo de ajuste monetário para 0,50 p.p., fixando em 2,00% a taxa de depósito de referência, em 2,5% a de refinanciamento e em 2,75% a de empréstimo. O comunicado deixou em aberto a possibilidade de novos ajustes para conter a inflação, que segue elevada e acima da meta.

Do lado da atividade, as vendas no varejo nos EUA caíram -0,6% em novembro, superando a previsão de queda mensal de -0,1%. Ante nov/21 houve alta de 6,5%. Já a produção industrial reduziu-se -0,2% mês, após uma baixa de -0,1 em out/22. Na China, a produção industrial crescia 2,2% a.a., bem abaixo da alta esperada de 3,6% a.a. e de 5,0% a.a. em out/22. Já as vendas no varejo caíram -5,9% a.a., superando a queda esperada de -3,7% a.a. e a de -0,5% a.a. em out/22. Na Zona do Euro, a produção industrial recuou em -2,0% em outubro, queda acima do -1,5% esperado. Na comparação anual, houve alta de 3,4% a.a., abaixo das expectativas de avanço de 3,7% a.a..

RTI/Copom - Dez/22

Projeções de Inflação – Cenário com Selic Focus e câmbio PPC Variação do IPCA acumulada em 4 trimestres

Ano	Trim.	Meta	RI set/22	RI dez/22	Dif. (p.p.)
2022	IV	3,50	5,8	6,0	0,2
2023	I		4,9	5,0	0,1
2023	II		3,7	3,9	0,2
2023	III		5,5	5,9	0,4
2023	IV	3,25	4,6	5,0	0,4
2024	I		3,5	3,6	0,1
2024	II		3,1	3,3	0,2
2024	III		3,0	3,1	0,1
2024	IV	3,00	2,8	3	0,2
2025	I		2,8	2,9	0,1
2025	II		2,8	2,9	0,1
2025	III		2,8	2,9	0,1
2025	IV	3,00	2,8	2,8	0,0

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Por uma série de fatores, o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) de dezembro enfatizou a piora na perspectiva do crescimento da economia global. Domesticamente, destacou a esperada moderação no ritmo da atividade econômica no 3T22. A revisão das projeções de crescimento para 2022, de 2,7% em set/22 para 2,9%, refletiu fundamentalmente a revisão da série histórica do PIB. Apesar de serem mais incertas do que o usual, a projeção de 2023 foi mantida em 1,0% devido ao cenário prospectivo de desaceleração da atividade. Para o Banco Central, o hiato do produto estimado para o 3T22 seria de -0,8% ante -1,2% do RTI anterior, enquanto o do 4T22 seria de -1,1% contra 1,6% anteriormente. Para o 4T23, a expectativa do hiato saiu de -2,1% no relatório anterior para -1,8%. A atualização da série e a evolução mais positiva de alguns setores explicariam o fechamento das projeções.

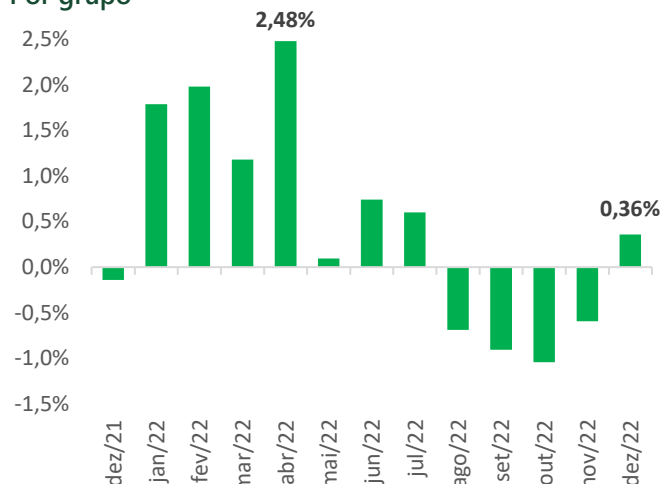
A inflação acumulada 12 meses desacelerou desde o último relatório refletindo as medidas tributárias e a recente queda dos preços das commodities. Entretanto, a inflação subjacente segue elevada e em patamar incompatível com as metas. O Banco Central ponderou, ainda, que há sinais incipientes de arrefecimento de pressões no setor de serviços. Assim, suas projeções foram revistas para cima de 5,8% para 6,0% em 2022, de 4,6% para 5,0% em 2023, de 2,8% para 3,0% em 2024, mantendo a de 2025 em 2,8%. A dinâmica reflete, por um lado com pressões altistas, a surpresa inflacionária de curto prazo e a revisão de projeções de curto prazo; e a estimativa de hiato do produto mais fechado. Para o horizonte relevante referente ao 2T24, a projeção de inflação acumulada em 12 meses situa-se em 3,3% a.a..

A reunião do Copom reiterou que a política fiscal pode afetar a inflação não só por meio dos efeitos diretos na demanda agregada, como também via preços de ativos, grau de incerteza na economia, expectativas de inflação e taxa de juros neutra. Adicionalmente, assinalou que mudanças nas políticas parafiscais ou a reversão de reformas estruturais poderiam reduzir a potência da política monetária.

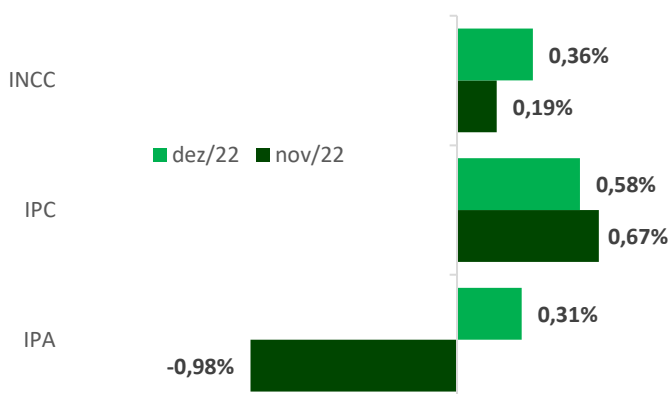
Nos diferentes exercícios analisados, o Banco Central avaliou que o efeito final, seja sobre a inflação ou sobre a atividade, dependerá tanto da combinação quanto da magnitude das políticas fiscal e parafiscal. Em ambiente de hiato do produto reduzido, o impacto de estímulos significativos sobre a trajetória de inflação tenderia a se sobrepor aos impactos almejados sobre a atividade. Por fim, destacou a piora nas percepções em relação à situação fiscal, com preocupações tanto pelo lado das receitas quanto das despesas. No último questionário Pré-Copom, 91% dos respondentes afirmaram notar piora da situação fiscal em relação ao anterior. Para os respondentes, o hiato do produto seria de 0,1% no 3T22, -0,2% no 4T22 e -0,7% no 4T23. Considerado o prazo de 5 anos, a taxa de juros real considerada como neutra saiu de 3,0% a.a. em ago/22 para 4,3% a.a., lembrando que para o Banco Central o indicador era de 4,0% a.a.. Por fim, a taxa de crescimento potencial passou de 2,0% para 1,8%.

IGP-10 - Dez/22

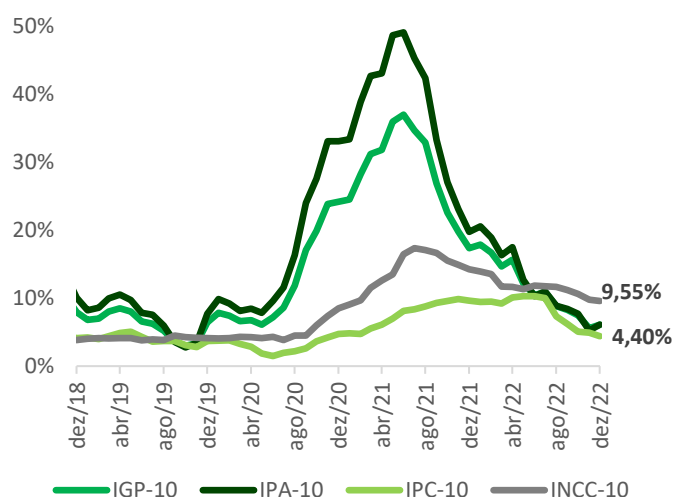
Variação Mensal Por grupo



Variação Mensal Abertura



Evolução Anual



O IGP-10 voltou a registrar inflação em dezembro, interrompendo uma sequência de 4 meses de deflação. Com a alta de 0,36% no mês contra a queda de -0,59% em nov/22, o avanço do índice acelerou de 5,55% a.a. em nov/22 para 6,08% a.a. (17,30% a.a. em dez/21).

Com o avanço de 0,31% em dezembro (-0,98% em nov/22), o IPA acumulou uma alta de 6,08% a.a. (19,72% a.a. em dez/21). O aumento na margem foi impulsionado pelos preços do minério de ferro (de -9,69% para 12,08%), das carnes bovinas (de 0,10% para 1,72%) e do feijão (de -2,79% para 10,56%). Na decomposição dos estágios de processamento, os bens finais acentuaram a alta de 0,23% em nov/22 para 0,30%, influenciados pelos preços dos alimentos processados (de 0,08% para 0,52%). Intensificando o movimento de baixa, os bens intermediários variaram de -0,01% para -0,40%, beneficiados pelo subgrupo de materiais e componentes para a manufatura (de 0,58% para 0,12%). Por fim, as matérias-primas brutas voltaram a subir em dezembro em 1,12% após a queda de -3,17% no mês anterior, com as contribuições do minério de ferro, do café em grão (de -16,30% para -8,37%) e do algodão em caroço (de -10,75% para 1,50%). Em contrapartida, a soja em grão (de 0,63% para -0,14%), a laranja (de 8,78% para 0,66%) e a mandioca/aipim (6,82% para 2,62%) arrefeceram os preços.

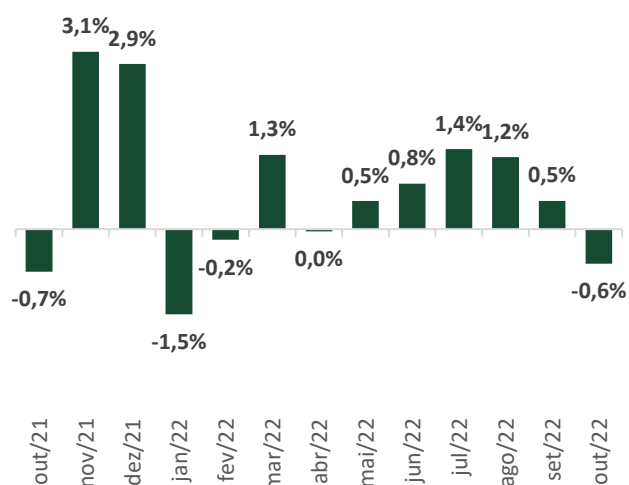
Já o IPC acumulou uma alta de 4,40% a.a. (9,63% a.a. em dez/21). Beneficiada pelo recuo nos preços das passagens aéreas (de 7,96% para -2,36%), a alta mensal do IPC desacelerou de 0,67% em nov/22 para 0,58%. 3 de seus 8 componentes registraram decréscimos em suas taxas de variação: Educação, Leitura e Recreação (de 1,81% para -0,45%), Saúde e Cuidados Pessoais (de 0,98% para 0,58%) e Vestuário (de 0,93% para 0,35%). Por sua vez, os grupos Transportes (de 0,47% para 0,85%) por conta da aceleração nos preços da gasolina (de 0,56% para 1,82%) e o de Alimentação (de 0,79% para 1,12%) puxado pelas hortaliças e legumes (de 9,73% para 11,79%) tiveram acréscimos em suas taxas.

Encerrando, o INCC variou em 0,36% no mês (0,19% em nov/22) respondendo aos avanços nos preços dos Materiais e Equipamentos (de -0,10% para 0,27%) e na mão de obra (de 0,40% para 0,42%). Enquanto os preços dos serviços arrefeceram de 0,43% para 0,35%. Em 12 meses, o indicador acumulou uma alta de 9,55% (14,20% a.a. em dez/21).

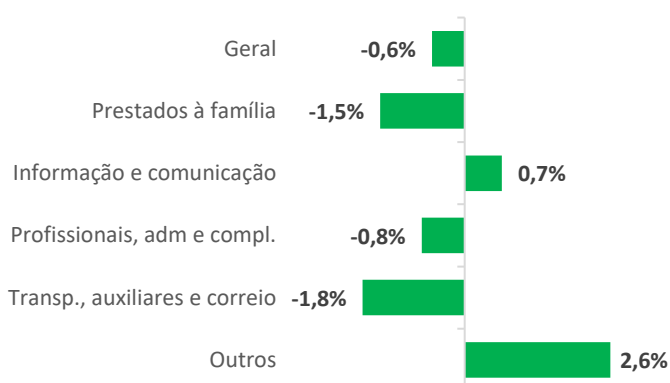
Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços - Out/22

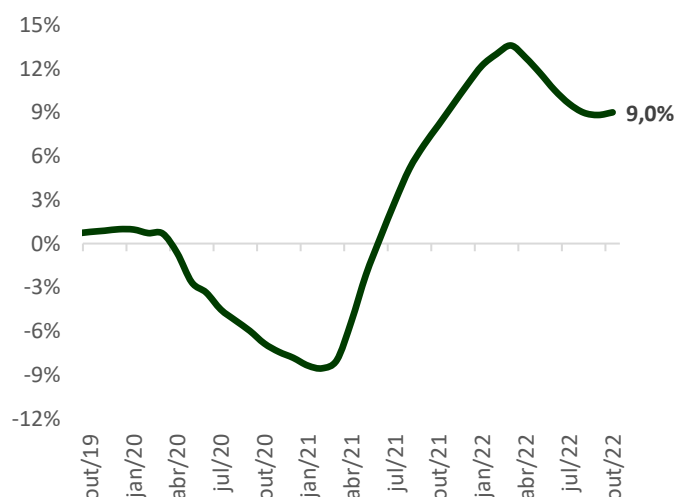
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Abertura – com ajuste sazonal



Evolução Anual Volume de serviços acumulados em 12 meses



Com a provável dissipação do impacto positivo da flexibilização sanitária e da reabertura das atividades, o setor de serviços exhibe desde ago/22 uma desaceleração no seu ritmo de crescimento. Em outubro, houve queda de -0,6% no volume de serviços, na série com ajuste sazonal. Ademais, o resultado de set/22 foi revisado de uma alta de 0,9% para 0,5%. Essa evolução reforçou os temores com uma eventual contração da atividade no 4T22.

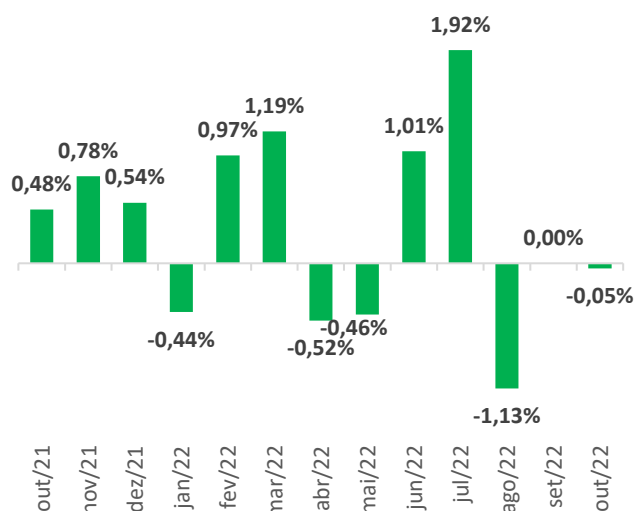
Na abertura, 3 dos 5 grupos registraram queda no mês. A categoria Transportes e serviços auxiliares encerrou com uma redução de -1,8%, após já recuar -0,3% em set/22. O item Serviços prestados a famílias caiu -1,5% contra uma alta de 0,8% em set/22, revertendo o movimento de 7 meses consecutivos com altas mensais. Ainda, serviços de profissionais, administrativos e complementares contraiu em -0,8% após uma alta de 0,7% em set/22. Por outro lado, outros serviços cresceram 2,6% no mês ante uma retração de -3,1% em set/22. Por fim, o grupo serviços de informação e comunicação subiu 0,7% ante uma alta de 1,8% em set/22.

Contudo, o volume de serviços acumulados em 12 meses acelerou o seu ritmo de crescimento, saindo de 8,8% a.a. em set/22 para 9,0% a.a. (8,1% a.a. em out/21 e 13,6% a.a. em mar/22). O volume de serviços em outubro encontrava-se 10,5% acima de fev/20. Por fim, o grupo de serviços prestados a famílias seria o único que não tinha recuperado a perda de -6,0% no período da pandemia.

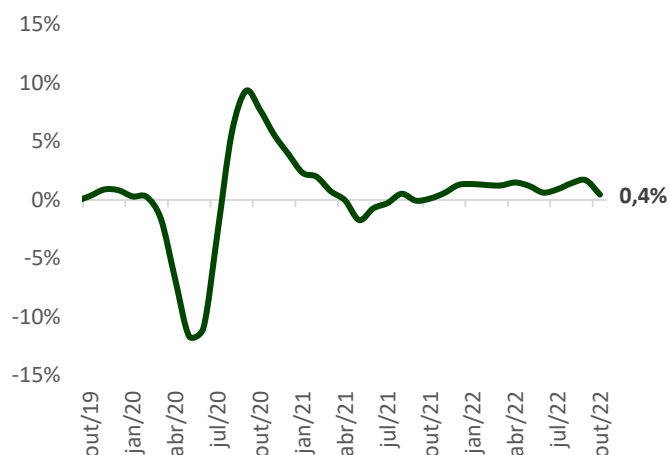
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IBC-Br - Out/22

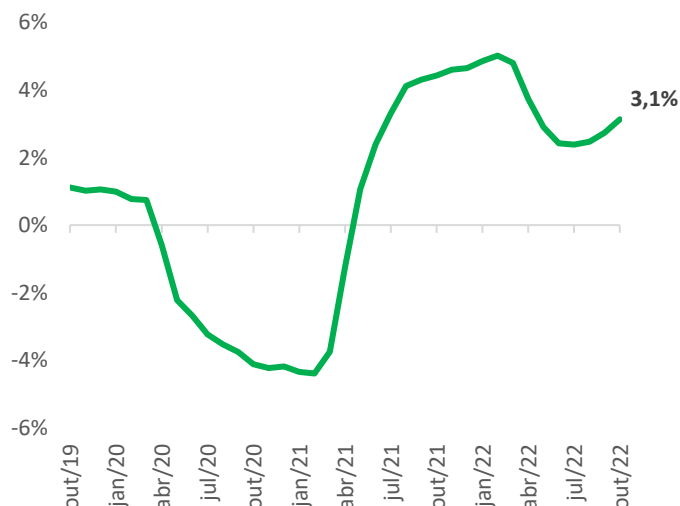
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Evolução Anual Acumulado em 12 meses



O índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-Br) iniciou o 4T22 com sinais de fraqueza. Abaixo das expectativas de mercado de uma alta de 0,50%, o indicador registrou uma ligeira queda de -0,05% em outubro, na série livre de influências sazonais. Ademais, o resultado de set/22 foi revisto de uma alta de 0,05% para estabilidade. A variação do acumulado em 12 meses avançou de 2,7% a.a. em set/22 para 3,1% a.a..

No mês, o desempenho foi influenciado pela redução na margem de -0,6% no setor de serviços, a indústria registrou um crescimento de 0,3% e o setor varejista exibiu crescimento de 0,4%, o que representou a 3ª alta mensal consecutiva.

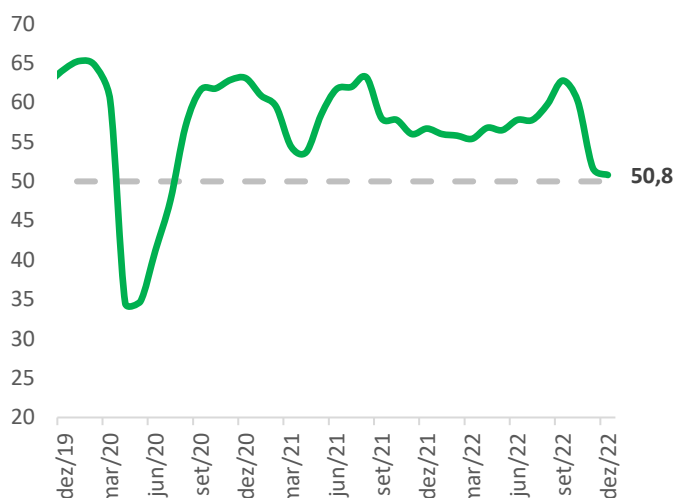
Com o resultado de outubro do IBC-Br, a expectativa do desempenho do PIB no 4T22 não é positiva. Para a evolução prospectiva, surgem como desafios os efeitos defasados do aperto monetário e os receios com a iminente recessão global. O cenário é agravado, com o encarecimento do crédito, a elevação da inadimplência e do endividamento das famílias.

Se por um lado, os estímulos governamentais de complementação da renda e a sazonalidade de final de ano devem prover algum fôlego no curto prazo. Por outro lado, a política monetária mais restritiva deve pressionar a economia no médio prazo.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

ICEI - Dez/22

Índice de Confiança do Empresário Industrial

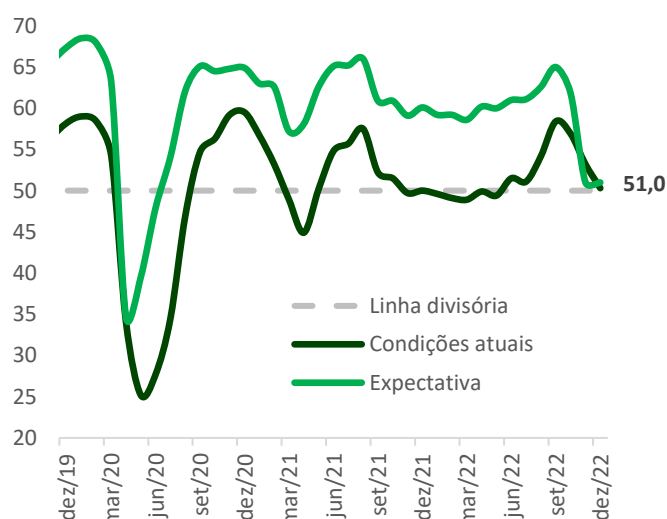


Com o 3º mês de queda mensal consecutiva, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNC fechou dezembro em 50,8 pts. contra 51,7 pts. nov/22 e 56,7 pts. em dez/21. Com a queda, o indicador aproxima-se do limiar de 50,0 pts., que delimita as zonas de otimismo ou falta de confiança.

O nível de confiança de dezembro é o menor desde jul/20 (47,6 pts.), última vez que esteve em patamar que indicava falta de confiança dos empresários. O movimento no mês foi capitaneado pela queda de -2,9 pts. no subindicador referente às Condições Atuais (CA) para 50,3 pts., enquanto o referente à expectativa futura (EF) ficou estável em 51,0 pts..

ICEI

Abertura por componente



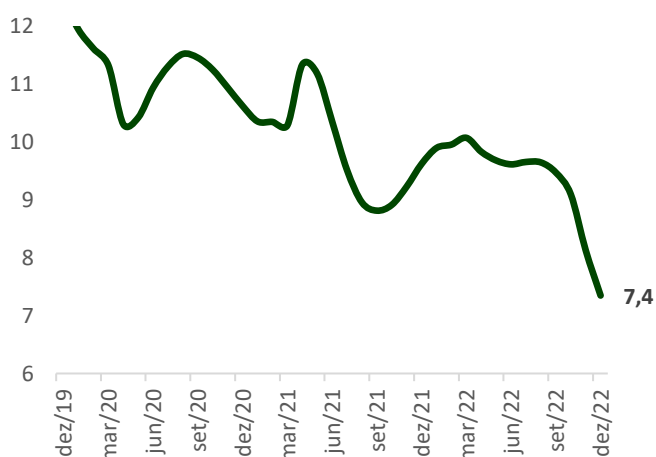
Em ambos os casos, o desempenho foi decorrente da deterioração no sentimento quanto à economia brasileira, com quedas mensais de -4,5 pts. no CA e de -1,1 pt. no EF, encerrando em 48,4 pts. e 44,8 pts., respectivamente, indicando falta de confiança.

Por sua vez, o sentimento quanto ao desempenho da empresa apontou queda no mês de -1,1 pt. para 51,2 pts., em relação ao sentimento dos 6 meses anteriores (CA), enquanto para os próximos 6 meses (EF) aumentou 0,6 pt. para 54,1 pts., evidenciando otimismo em ambos os casos.

Vale registrar que a pesquisa ouviu 1.455 empresários, sendo 559 de empresas de pequeno porte, 545 de médio porte e 351 de grande porte, entre 1º e 7 de dezembro.

Diferença Entre CA e EF

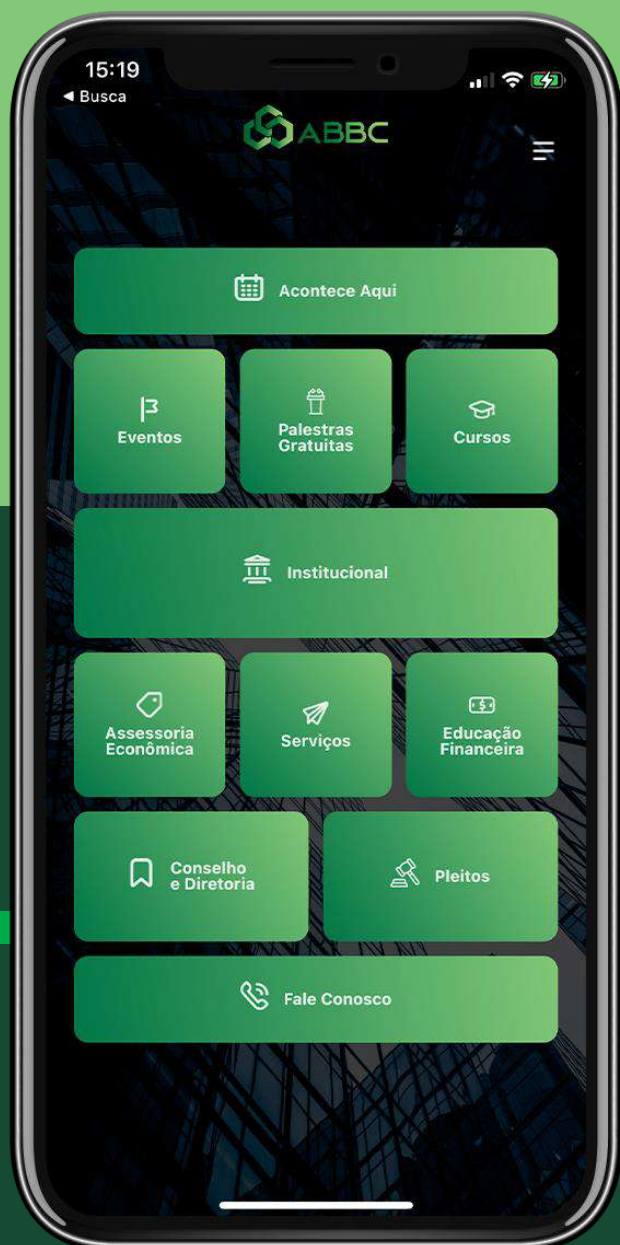
Média móvel de 12 meses



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	15,1	8,4
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,8	5,1
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	5,4	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	55,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-46,0	-44,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	80,0	75,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,25	5,25
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-0,9
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,5	-8,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	58,0	61,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	77,0	80,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688